

A METODOLOGIA DE SÃO TOMÁS DE AQUINO.

Paulo Faitanin – Universidade Federal Fluminense.

Resumo: É mérito de Tomás de Aquino a inovadora interpretação filosófica. Não se pode aproximar-se de sua filosofia sem dar-se conta da importância do seu método. O Aquinate procede do estudo de casos mais simples e concretos para chegar à análise dos mais complexos e abstratos. Quando chega aos conceitos, sua exposição é por meio de argumentos demonstrativos e prováveis e recorre, no caso da filosofia, aos livros dos filósofos e, no caso da teologia, à autoridade na verdade de fé.

Palavras-chave: método, Filosofia, Tomás de Aquino.

Abstract: The philosophical innovation is merit of Thomas Aquinas' interpretation. Can't come close to his philosophy without giving account of the importance of his method. The Aquinate proceeds from the study of most simple and concrete cases to arrive at the analysis of most complex and abstract. When he arrives at the concepts, his exposition is by demonstrative and probable arguments and appeals, in the case of the philosophy, to books of the philosophers and, in the case of the theology, to the authority, in the faith truth.

Keywords: method, Philosophy, Thomas Aquinas.

Introdução.

O método sempre foi importante para a exposição de qualquer idéia. Temos como significativos exemplos que, tanto Platão quanto Aristóteles¹, cada qual a seu modo, desenvolveram métodos. Perpassando a História do Pensamento não encontramos uma obra sequer que não tenha implícita ou explicitamente suposto ou desenvolvido um método, mesmo aquelas que pretensiosamente aludiram não tê-lo. O estudo do método, ou o que se entende por *metodologia*, no contexto filosófico, só teve a sua intensificação a partir de Descartes. A partir de então, método tomou quatro sentidos: *lógico*, como parte da lógica que estuda os métodos; *lógica transcendental aplicada*; *conjunto de procedimentos metódicos* de uma ou mais ciências e *análise filosófica* de tais procedimentos. Não diferentemente Tomás de Aquino desenvolveu o seu

¹ Estes autores nos apresentaram, basicamente, dois métodos: um dedutivo, o platônico e outro indutivo, o aristotélico. Mas isso não significa que Aristóteles não se valia da dedução ou que Platão não aplicava a indução. O fato é que o rico legado platônico e aristotélico persistem até hoje sob outras formas variantes de dedução e indução.

método ou, como nos alude Leo Elders, os seus métodos². Um ou muitos, parece-nos que independente disso, o procedimento era o mesmo, pois só diversificava quanto à aplicação. Seria um equívoco igualar o método tomista ao método escolástico, comumente válido pelos demais autores medievais, sem mostrar as diferenças introduzidas pelo Aquinate³. A palavra *metodologia* serve adequadamente para significar aqui o estudo filosófico do método de investigação de São Tomás de Aquino.

1. A Metodologia Tomista.

É mérito de Tomás de Aquino a inovadora hermenêutica filosófica⁴. Não se pode aproximar-se de sua filosofia sem dar conta da importância do seu método. O Aquinate procede do estudo de casos mais simples e concretos para chegar à análise dos mais complexos e abstratos⁵. Quando chega aos conceitos, sua exposição é por meio de argumentos demonstrativos e prováveis e recorre, no caso da filosofia, aos livros dos filósofos e no caso da teologia, à autoridade, na verdade de fé⁶. Como que sempre buscando um diálogo com o mundo, sua pesquisa, seja filosófica, seja teológica, parte da análise das realidades sensíveis, na medida em que busca chegar, a partir disso, à análise das realidades imateriais. Neste sentido, o seu método começa por compreender o ente sensível, sua causa próxima e seus princípios, para ir ascendendo ao ente supra-sensível, na consideração de sua causa remota.

Quase toda investigação do Aquinate é segundo este procedimento. De fato, este *modus operandi* se faz onipresente às suas exposições. Não obstante, apesar de tudo isso, para o Aquinate, o método não passa de um *instrumento* que serve à filosofia, que por sua vez, serve à teologia. Por isso, para o Aquinate, o método é, por excelência, instrumento da razão humana para

² ELDERS, L. SVD. *Sobre el método en Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Sociedad Tomista Argentina, 1992, p. 39.

³ Um valioso estudo sobre o método histórico nos estudos escolásticos, que se refere também à gênese do método escolástico, encontramos em: GRABMANN, M. “De methodo historico in studiis scholasticis adhibenda”, *La Ciencia Tomista*, 27 (1923), 194-209.

⁴ A doutrina da *participação*, a que nos referiremos mais abaixo, é fundamental para a intensiva hermenêutica filosófica de Tomás de Aquino. Fabro desenvolveu amplamente esta questão: FABRO, C. “The intensive Hermeneutics of Thomistic Philosophy: The notion of participation”, *Review of Metaphysics*, 27 (1974), 449-491.

⁵ De fato, há uma correlação intrínseca entre *método* e *experiência*. E foi com relação a isso que dissemos acima que embora sejam muitos os métodos, um só é o procedimento, ou ponto de partida: a *experiência*. Sobre a relação do método com a experiência vejamos: GILLET, M.S. “La méthode philosophique de S. Thomas et l’expérience”, *Angelicum*, 7 (1930), pp. 145-168.

⁶ CG.I.9,4

melhor conhecer a verdade das coisas e, por analogia, aceder às de Deus, posto que as que Deus nos revela, são por infusão. Em qualquer caso, a sistematização de seu método gerou uma obra quase inabarcável⁷.

Duas são as fontes da metodologia tomista: a *lógica aristotélica* e a o *método escolástico*. Da lógica aristotélica herdou o modo argumentativo e demonstrativo⁸ e da escolástica o modo expositivo das questões. Além desta herança, desenvolveu o seu próprio método: a *linguagem analógica*, um método filosófico com aplicação teológica⁹, que se fundamenta em duas doutrinas - a doutrina do *ato de ser* e a da *participação*¹⁰. O Aquinate analisa as questões que trata e as expõe comentando, criticando, sempre partindo das idéias mais simples às mais complexas, pautando os seus argumentos nos princípios invioláveis da razão e comparando-as analogamente, afirmando o que há de verdadeiro, negando o que há de falso e corrigindo o que seja passível de correção.

Comumente, como já dissemos, o Aquinate parte da análise das coisas simples para chegar à consideração das mais complexas. Podemos dizer que o método tomista, no geral, é *indutivo*, ou seja, por via de indução, isto é, aquele que vai da consideração do particular à consideração do universal. Analisam-se, primeiramente, as coisas singulares e procura extrair delas o que seja comum de todas. Em linhas gerais, a indução pode ser compreendida como a ida dos efeitos à causa. O processo pelo qual se extrai dos singulares o que é comum de muitos é denominado *abstração*. O intelecto abstrai dos singulares o que é comum de todos, que por ele é considerado. Fundamentado nos princípios retos que o constituem, ou seja, os primeiros princípios intelectivos, como o da *não contradição*, o intelecto, mediante a sua aplicação nas coisas singulares que conhece, comparando-as entre si, formula e concebe um *conceito*, uma noção universal que se diz, predica comumente de todos os singulares considerados antes pelo intelecto. Uma vez estabelecido tais conceitos, o intelecto quando os predica das coisas, julga-os, deles fazendo um juízo de veracidade ou falsidade, de acordo com a adequação ou não com o real singular. Daí em diante, entra em vigor a via *dedutiva*, ou a dedução, em que o intelecto pela análise e crítica do conceito em sua aplicação e predicação, julga-o e examina-o segundo a adequação ou inadequação com o

⁷ ALARCÓN, E. “Uma cuestión de método. Consideraciones previas a la interpretación de Sto. Tomás de Aquino”, *Aquinate*, 1 (2005), pp. 200-213.

⁸ *In II Met.* lec5.

⁹ *STh.*I,q1,a1,c.

¹⁰ FAITANIN, P. *Prinápium individuacionis: Estudio metafísico de la doctrina de la individuación en Tomás de Aquino*. Tesis doctoral. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, 21-31.

real¹¹. Até aqui temos o procedimento básico do método tomista, que não erraríamos se o denominássemos de método gnosiológico, por pertencer naturalmente ao modo como o nosso intelecto conhece a realidade e como, por abstração, forma os conceitos. Mas a grande contribuição tomista para a metodologia passa pela metafísica. Vejamos.

2. Método metafísico.

O método do Aquinate é, por excelência, *metafísico*. Tomás, em *Metafísica*, estabelece duplo método: um *ascendente*, denominado resolutivo -*resolutio*-, que parte das determinações particulares às resoluções universais, que não é outra coisa que a indução; e outro *descendente*, denominado compositivo -*compositio*-, que inversamente parte das resoluções universais às composições particulares, que não é senão a dedução¹².

A *simples apreensão*, é fundamental para ambos os métodos. Ela define-se como *o ato por meio do qual o intelecto conhece alguma essência*, na medida em que simultaneamente afirma ou nega, por cujo conhecimento produz-se o conceito. Em outras palavras, por apreensão simples entende-se o ato, por meio do qual, *o intelecto apreende algo de modo absoluto*, a seu modo e *tomando o que apreende semelhante a si mesmo*¹³. Por isso, o Aquinate, seguindo o que Aristóteles afirmara, denominou a simples apreensão de *intelecção indivisível*, ou seja, a intelecção absoluta que o intelecto produz, por si mesmo, da quiddidade de alguma coisa¹⁴.

O intelecto produz o conceito, a partir do que considera da realidade. Mas a realidade, fora da mente, apresenta-se em sua existência singular. O que é o singular? Por *singular* entende-se algo individual, de nenhum modo comunicável a muitos¹⁵, cuja nota essencial é ser único e distinto de todos os demais¹⁶, de tal maneira que não pode ser definido¹⁷. Do que se segue, que o singular não é apto naturalmente a ser predicado de muitos, senão de um só, ou seja, de si mesmo¹⁸. Neste sentido, o singular é o que pode ser mostrado, designado, apontado ou indicado com o dedo¹⁹. Assim sendo, o intelecto

¹¹ *STh.* I,q79,a8,c.

¹² *In de Trin.* lec.2,q2,a1,c3.

¹³ *STh.*I,q30,a3,ad2;*In II Sent.*d24,q3,a1,c.

¹⁴ *In I Periher.* lec. 3,n.3.

¹⁵ *STh.*I,q11,a3,c.

¹⁶ *STh.*I,q13,a9,c.

¹⁷ *STh.*I,q29,a1,ad1.

¹⁸ *In I Periher.* lec.10.

¹⁹ *STh.*I,q30,a4,c.

apreende, por abstração, a natureza do singular, de um modo mental, universal e a expressa por um conceito. Mas o que é abstração?

A abstração é o ato pelo qual o intelecto abstrai ou separa a materialidade de uma realidade singular, que existe fora do próprio intelecto, apreendendo dela sua forma e tornando-a universal, semelhante a si mesmo. Abstrair é, pois, separar de algo singular toda a sua materialidade e movimento²⁰. Neste sentido, a abstração significa o ato intelectual, por meio do qual o próprio intelecto torna inteligível o que ele considera e que existe fora da mente, de modo singular, sensível e individual. No ato do conhecimento, a abstração é o primeiro e mais nobre ato do intelecto, como sendo a sua mais perfeita operação²¹. Em outras palavras, a abstração é o modo pelo qual o intelecto processa o conhecimento do real concreto, inclinando-se a ler por dentro - *intus legere* - a natureza, a essência do real concreto que ele considera, pois só abstraindo-a de sua sensibilidade pode ele conhecer a sua forma em ato²², a sua natureza, já que para conhecer o singular é sempre necessário abstrair²³. Mas o que busca o intelecto? O intelecto quando abstrai busca considerar o singular em sua universalidade; busca, portanto, produzir uma representação universal do singular²⁴, ou seja, o intelecto produz uma *similitudo* universal, inteligível do que no real existe de modo singular e material. Mas se o intelecto ordena-se a produzir, pela abstração, uma similitudo universal do que considera do real, a primeira questão, a saber, é: o que é universal?

Etimologicamente, universal significa *unum versus alia*, um que se verte em muitos. Em seu significado real, universal é o que por natureza é apto a predicar-se de muitos²⁵. Ora, se o universal é o que é apto a predicar-se de muitos, isso significa que o que é universal é *comum de muitos*. Do que se segue, que universal e comum de muitos são sinônimos²⁶. Cabe frisar que o intelecto somente produz o universal por abstração²⁷, pois o intelecto, pela abstração, ao produzir o universal, concebe o conceito, a partir do qual se expressa a essência universal da coisa particular, que ele considerou. Assim, pois, algo é considerado universal não somente quando o nome predica-se de muitos, mas, também, quando o que é significado pelo nome, pode dar-se em muitos²⁸. Cabe, ainda, distinguir o universal lógico do universal metafísico: o

²⁰ *In II Sent.*d2,q2,a2,ad4; *STh.*I,q55,a2,ad2.

²¹ *STh.*I-II,q4,a6,ad3.

²² *CG.*I,44.

²³ *STh.*II-II,q173,a3,c.

²⁴ *STh.*I,q85,a2,ad2.

²⁵ *In I Perih.* lec10.

²⁶ *In I De trin.* lec.1; *In VII Met.* lec 13.

²⁷ *STh.*I-II,q29,a6,c.

²⁸ *In I Perih.* lec.10.

universal considerado em si mesmo, em seu conteúdo real e metafísico, é o universal metafísico; o universal enquanto conceito universal, desde um ponto de vista de sua predicação, é o universal lógico²⁹. O universal lógico é real, porém abstrato³⁰. Face a isso, cabe saber o que é o conceito.

O conceito é o fruto da concepção que o intelecto faz pela abstração, ao considerar a universalidade da natureza de algo singular. Por *concepção* entende-se, neste contexto da lógica, a geração ou a produção de um conceito, por parte do intelecto³¹. Pela concepção, o intelecto produz uma *palavra* ou *verbo mental*, no qual se encontra a similitude inteligível abstraída da coisa concreta, sem que com isso se estabeleça uma identidade entre a natureza que concebe e a natureza concebida, pois o que o intelecto produz é uma similitude do objeto real³². O conceito é uma voz mental, cujo sinal sensível é um *nome* que indica certo significado³³. Por isso, aquelas simples concepções que são produzidas pelo intelecto são vozes mentais - palavras interiores -³⁴ que significam alguma coisa³⁵.

Alguns conceitos, por razão de sua universalidade, são mais abrangentes do que outros, como o conceito *animal* que é mais extenso do que o conceito *homem*, já que aquele se estende e se predica de mais realidades do que este. Ao contrário, o conceito *homem* é mais compreensível do que o de *animal*, porque é menos extenso do que aquele. Esta distinção, segundo a universalidade, é o que determina a extensão e a compreensão do conceito. Exigem-se, para a expressão do verbo mental, os *sinais lingüísticos*, que por meio de palavras, nomes e verbos expressam o conceito e o seu significado. A obtenção do conceito é o cume da aplicação do método indutivo tomista.

3. Ente, Ato de ser e existência.

O método filosófico, como vimos, é o da indução e o da dedução³⁶. No método resolutivo ou indutivo, o procedimento é partir da análise dos efeitos à causa. Neste procedimento o Aquinate constrói a sua metafísica do ser, cujo cume efetua uma resolução global de tudo o que existe por participação

²⁹ *In VII Met.* lec13.

³⁰ *De ente et ess.* c3.

³¹ *STh.* III,q13,a12,c.

³² *STh.* q27,a2,ad2.

³³ *In I Sent.* d2,q1,a3.

³⁴ *CG.* IV,11.

³⁵ *In I Perih.* lec.16.

³⁶ *In De Trin.* lec2,q2,a1,c3.

naquilo que existe por essência e tudo o que é devir no ser³⁷. O método filosófico é posto a serviço da teologia.

O método próprio da teologia é o resolutivo ou dedutivo, ou seja, o que vai dos princípios universais e simples dos quais derivam todos os outros³⁸. O que move o teólogo a argumentar não são os primeiros princípios metafísicos, mas os artigos de fé. Contudo, o Aquinate compõe a sua demonstração teológica com uns e outros, harmonizando-os³⁹. Por meio dos artigos de fé, o crente pode vir a chegar a outras conclusões, percorrendo dos princípios às conclusões⁴⁰. Por isso, a teologia é, também, ciência e todas as demais ciências a ela se subordinam, porque seus princípios se subordinam, na demonstração, aos princípios da teologia, que são os artigos de fé⁴¹. Ao método dedutivo se junta à metodologia teológica tomista o argumento de autoridade, cuja autoridade é a Sagrada Escritura.

O método indutivo da filosofia é instrumento do da teologia. A filosofia mediante o seu método pode demonstrar os preâmbulos da fé, mas não os artigos de fé, que são dados revelados pela Escritura. O método filosófico pode indicar certa conveniência dos fatos da fé, tentar dar uma explicação limitada pelo intelecto e demonstrar a conexão entre os artigos de fé. Por *via negationis* o método de demonstração filosófico pode estabelecer como os argumentos contrários aos artigos de fé são falsos e inconclusivos⁴². Em qualquer caso, o método filosófico é fundamental para a demonstração teológica. Com ele, são igualmente importantes os princípios da metafísica tomista, porque são os elementos de toda e qualquer ulterior demonstração. Neste sentido, as noções de primeiros princípios, ente, ato de ser, essência e existência são fundamentais para a metodologia tomista.

3.1. Os primeiros princípios de demonstração.

Para o Aquinate princípio significa aquilo de que algo procede e que contribui para a produção e demonstração de qualquer coisa⁴³. Segundo o Aquinate, está inscrito na natureza intelectual do homem o hábito dos primeiros princípios teóricos, também conhecidos como hábitos dos primeiros princípios do conhecimento. É a partir do uso do hábito dos

³⁷ *De subst. sep.*c9,n94.

³⁸ *STh.*I-II,q14,a5,c.

³⁹ *In De Trin.*proem.q2,a2.

⁴⁰ *In De Trin.*proem.q2,a2.

⁴¹ *STh.*I,q1,a2,c.

⁴² *In De Trin.*proem.q2,a3.

⁴³ *STh.*I q33 a1, c.

primeiros princípios que se intui o hábito dos primeiros princípios da demonstração do conhecimento. Por tal intuição não somente se aperfeiçoa a inteligência como, também, a inclina para o conhecimento da verdade universal. Tal exercício dispõe a virtude intelectual especulativa dos hábitos dos primeiros princípios⁴⁴. A tal intuição do primeiro princípio de demonstração, segue-se a concepção do ente, como aquilo que é, e do não-ente, como aquilo que não é.

Tal concepção é necessária e a constatação do princípio é evidente para o intelecto, quando concebe o ente. Esta evidência conclama o estabelecimento da existência do primeiro princípio do conhecimento, denominado princípio de contradição, ou princípio da não-contradição, este que não precisa ser demonstrado, porque é antes o que demonstra tudo mais que o intelecto concebe e que marca a oposição por contradição entre coisas que são e as que não-são⁴⁵, entre o universal e o particular⁴⁶ e entre a afirmação e a negação⁴⁷, de cuja oposição se segue o corolário de que é impossível afirmar e negar ao mesmo tempo⁴⁸ e que o ente é e não é, simultaneamente, uma mesma realidade⁴⁹.

Do primeiro princípio da contradição, no qual todos os demais princípios se fundamentam⁵⁰, seguem-se o princípio de identidade, que afirma que o ente é o que é⁵¹, o princípio do terceiro excluído, que sustenta não haver um meio termo entre ente e não-ente⁵², o princípio de causalidade, que afirma toda causa produzir um efeito proporcional⁵³ e o princípio de finalidade, que sustenta que todo agente opera por causa de um fim⁵⁴. Enfim, como dissemos a aplicação do método metafísico tomista tende para a concepção do ente. Por isso, o efeito imediato da aplicação deste método é o conceito de ente.

3.2. O conceito de ente.

O Aquinate concebe o ente *analogamente*. O conceito de ente não é unívoco, porque não se diz só e da mesma maneira de um único ser. O que é

⁴⁴ *STh.* I-II,q57,a1.

⁴⁵ *STh.* I-II,q35,a4,c.

⁴⁶ *STh.* I-II,q.77,a2,ob3.

⁴⁷ *In I Peri.* c.16.

⁴⁸ *STh.* I-II,q94,a2.

⁴⁹ *In IV Met.* lec.6.

⁵⁰ *STh.* I-II,q94,a2;*De ver.* q5,a2,ad7.

⁵¹ *STh.* I,q13,a7.

⁵² *STh.* I-II,q94,a2;*De ver.* q5,a2,ad7.

⁵³ *In IV Sent.* d1,q1,a4;*STh.* I,q79,a13.

⁵⁴ *In I Sent.* d35,q1,a1.

unívoco? O conceito unívoco diz-se do nome que significa uma mesma essência, que se diz de uma única natureza, ou seja, a conveniência do nome com a natureza, como no caso do nome Deus⁵⁵. O conceito de ente não é equívoco, porque não é o que significa várias coisas por um mesmo nome⁵⁶, como ocorre na ambigüidade, onde se toma a similitude entre as realidades, mas a unidade do nome⁵⁷ em que não há proporcionalidade entre o nome e a essência, ou seja, o nome é comum, mas as substâncias são diversas, como ocorre com o nome cão dito do animal, da constelação e do temperamento irascível do homem⁵⁸.

O conceito de ente não é genérico, porque não inclui todas as diferenças⁵⁹ predicáveis do ente que fazem parte da definição, como o conceito de animal que inclui as diferenças racional e irracional⁶⁰, como no conceito de ente não entra alto, magro, baixo, gordo etc. O conceito de ente é análogo, porque resulta da comparação entre os diversos entes, por proporção⁶¹, em que o nome, segundo um significado aceito, é posto na definição de algo, com outro significado⁶², como o que se diz de algo que comumente se aplica a muitos⁶³, como saudável dito do alimento e do corpo que dele se alimenta. O ente considerado em si mesmo, como algo que existe fora da mente, de modo autônomo e independente, é dito essencial, como o abacateiro. O ente considerado como algo que existe fora da mente, mas que existe em outro, como algo que depende da existência do outro, é dito accidental, como o tom de cor verde do abacateiro.

O ente que existe fora da mente é dito real porque é uma realidade concreta e singular e o ente que é considerado pela e na mente é dito de razão, porque ou é uma imagem ou um conceito abstrato e universal. O ente que já é o que é, é dito ente em ato, como o abacateiro é abacateiro em ato. O ente que vem a ser o que ainda não é, denomina-se ente em potência, como a semente de abacateiro que ainda não é abacateiro em ato, senão só em potência. Neste sentido, ente se diz da essência, do acidente, real e de razão, da potência e do ato⁶⁴. Mas há que advertir que ente por acidente não é

⁵⁵ *STh.I,q5,a6,ad3/q13,a10,c;In II Sent. 22,1,3,ad2.*

⁵⁶ *C.G.4,49.*

⁵⁷ *C.G.1,33.*

⁵⁸ *STh.I,q4,a2,c.*

⁵⁹ *In I Met. lec.9, n.139.*

⁶⁰ *STh.I,q3,a5,c.*

⁶¹ *STh.I,13,a5,c.*

⁶² *STh.I,13,a10,c.*

⁶³ *In I Sent.22,1,3,ad2.*

⁶⁴ *In V Met. lec.9, n.885.*

propriamente ser⁶⁵ e, por esta razão, não há ciência acerca do ente por acidente⁶⁶. O ente que é considerado abstraído da realidade concreta, pelo intelecto, é denominado ente abstraído ou ente de razão⁶⁷. Há o ente de razão com fundamento no real, dito desta maneira porque resultou da abstração de uma realidade concreta, como o conceito de maçã. Há, também, o ente de razão raciocinado, enquanto produzido pela razão só a partir dos dados da imaginação, com as imagens que já existem nela, daí ente de razão derivado do raciocínio da razão, como produzido pela imaginação, por exemplo, uma maçã com asas, ou minotauro.

Daí, ente de razão com fundamento no real e ente de razão raciocinado ou raciocinante. De qualquer modo, a consideração do ente de razão é própria da Lógica⁶⁸ e do ente real, considerado em si mesmo, é próprio da Metafísica. Em um e outro caso, o estudo do ente é primeiríssimo, porque é o que primeiro capta o intelecto quando considera o real⁶⁹. Concluindo, quando o intelecto concebe o ente afirma que o ente é aquilo que é e o não-ente aquilo que não é, sendo impossível conceber o ente sendo e não sendo ao mesmo tempo. Desta captação do conceito de ente, o intelecto, a partir da aplicação dos primeiros princípios de conhecimento - que possui como hábitos - formula a noção de ente em ato. Como veremos, a noção de ente em ato constitui uma das principais doutrinas tomistas. Lembremos que até aqui foi aplicado o método indutivo, que partiu da consideração singular e ascendeu por abstração a conceitos abstraídos e separados de suas condições individuais, tal como a natureza da coisa existe na realidade.

3.3. A divisão do ente - o ato.

O ente considerado em si mesmo, divide-se em ato e potência⁷⁰. A noção de ato indica perfeição, pela qual alguma coisa existe⁷¹. O ato é dito de diversos modos⁷². Com relação à potência ele é anterior⁷³, mas no que se refere ao movimento e ao tempo, ele é posterior⁷⁴. O ato é sempre melhor

⁶⁵ *In XI Met.* lec.8, n.2272.

⁶⁶ *In VI Met.* lec.2, n.1172-1176.

⁶⁷ *STh.*I-II,q8,a1,ad3.

⁶⁸ *In IV Met.* lec.4, n.574.

⁶⁹ *In I Met.* lec.2, n.46.

⁷⁰ *In VI Met.* lec.2, n.1171.

⁷¹ *In IX Met.* lec.3, n.1805.

⁷² *In IX Met.* lec.5, n. 1828-1831.

⁷³ *In IX Met.* lec.7, n. 1845.

⁷⁴ *In VII Met.* lec.2, n. 1278; IX, lec.7, n. 1847-1848; IX, lec.8, n. 1856; In XII, lec.4, n. 2480-2481; In XII lec.6, n. 2506.

que a potência, pois a sua privação é o mal⁷⁵; diz-se ato primeiro o ser de algo e ato segundo sua operação, que provém do ser. Daí que *o operar segue o ser*. A potência é dupla: a potência ao ser que é da matéria e a potência de operar que é da forma⁷⁶. Diz-se potência ativa a de operar e potência passiva a de receber algo de outro⁷⁷. A potência ativa pode ser imanente, quando permanece no agente e transeunte, quando termina em outro⁷⁸. A potência da matéria é princípio de recepção do ser e a potência da substância é princípio de operação. A potência metafísica é a da ordem do ser, como a da matéria à forma. A contínua consideração abstrata do ente pelo método metafísico, conduz o intelecto à distinção do ser e da essência.

3.4. O ser, a essência e a existência.

Temos visto que o ente é o que tem ser⁷⁹, ato de ser⁸⁰, perfeição, pela qual alguma coisa existe⁸¹, subsiste e é o que de mais nobre⁸², perfeito, digno e íntimo⁸³ há na natureza da coisa⁸⁴, como ato de todos os atos⁸⁵ e ato de tudo o que existe e de qualquer forma que venha a existir⁸⁶ como substância.

Num primeiro sentido metafísico, essência indica a natureza individual da substância e num segundo sentido, agora lógico, indica a quiddidade ou essência da substância individual, abstraída pelo intelecto. Então, a essência no primeiro sentido metafísico é sinônima de substância e a essência no sentido lógico é sinônima de quiddidade, ou seja, a essência considerada como conceito, abstraída e na mente⁸⁷. Na consideração lógica a essência é o que o intelecto capta da união e composição de matéria e forma⁸⁸. Por isso, a essência na mente indica o que é comum de muitos⁸⁹. Na consideração metafísica a essência é na própria substância a composição de matéria e forma. Ora, na substância é a forma que dá o ser e é a matéria que o recebe. Em

⁷⁵ *In IX Met.* lec. 10, n. 1883-1885.

⁷⁶ *STh.*I-II,q55,a2,c.

⁷⁷ *STh.*I,q25,a1,c.

⁷⁸ *STh.*I,q9,a2,c.

⁷⁹ *In XII Met.* lec.1, n.2419.

⁸⁰ *In IV Met.* lec.2, n.556-558.

⁸¹ *In IX Met.* lec.3, n.1805.

⁸² *CG.*I,c28,n260;*In I Sent.*d17,q1,a2,ad3.

⁸³ *De anima.* a9;*De nat. accid.* c.1,n.468.

⁸⁴ *In I Sent.*d33,q1,a1,ad1.

⁸⁵ *CG.*III,c3;*C.Theo.*I,c.11,n.21.

⁸⁶ *Quodl.* XII,q5,a1;*STh.*I,q4,a1,ad3.

⁸⁷ *STh.*I,q3,a3,c.

⁸⁸ *STh.*I,q29,a2,ad3.

⁸⁹ *De ente et ess.*c2.

substâncias de mesma natureza é o mesmo ato de ser que determina a perfeição em todas. Mas as substâncias de mesma natureza se distinguem individualmente, umas das outras, pelo modo como recebem o ato de ser em seus supostos. Isto faz com que o ser seja distinto da essência na substância de cada coisa de que é ser. Pautado nisso, afirma-se que ser e essência distinguem-se nas criaturas. Só em Deus ser e essência se identificam⁹⁰. Esta é a mais profunda concepção metafísica conseguida pela aplicação do método metafísico.

A *existência* é a realização da última perfeição do ato de ser, pois vimos que o ato de ser é aquilo pelo qual algo existe⁹¹. Neste sentido, sem ato de ser, não há existência. Podemos, então, dizer que a existência é a manifestação aqui e agora do ato de ser realizado na substância. A existência torna factual a presença da substância. Sendo assim, a distinção metafísica que há é a de *ser* e *essência* e não a de *essência* e *existência*, posto que segundo a consideração metafísica, não há essência que não exista e existência que não tenha uma essência.

4. Analogia e participação.

Outro ganho fundamental da metodologia tomista é a concepção de linguagem analógica ou a doutrina da analogia, que é a grande inovação tomista. Por ela, tornou-se mais eficiente a comparação entre realidades que aparentemente, muito divergindo em algo accidental, assemelham-se em algo essencial. A linguagem analógica é o fundamento para a afirmação de duas outras importantes doutrinas tomistas: a doutrina da *participação*, a partir da qual se afirma e demonstra a real existência de algo na criatura que representa à maneira de vestígio, imagem e semelhança alguma perfeição divina e a doutrina do *ato de ser* que demonstra que o ser representa e confirma, em cada criatura, certo grau de realização de alguma perfeição divina. Este rico vocabulário se alinha, até hoje, nos léxicos e dicionários especializados ou não e, inclusive, guardam parcial, quando não total, semelhança com o sentido metafísico original aristotélico-tomista.

A lexicografia tomista estabelece, guardadas as proporções, uma revolução semântica em linguagem filosófica e teológica. Isso marca, efetivamente, a sua importância e atualidade. Termos como substância, acidente, matéria, forma, privação, ato, potência, causa, princípio, uno, verdade, bem, algo, relação e, tantos outros, enriqueceram ainda mais o leque

⁹⁰ *C.Theo.* I,XI.

⁹¹ *In IX Met.* lec.3, n.1805.

de possibilidades semânticas de alguns conceitos que mantêm, em alguns casos, o mesmo sentido original em seus usos corriqueiros.

4.1. A analogia.

Como vimos, mediante um nome, os conceitos podem ser utilizados para significar outras coisas. E isso ocorre porque se distingue o significado de uma palavra, do modo como é utilizado para significar⁹². Neste sentido, fica claro que os termos da linguagem, como as palavras e o nomes, nem sempre conservam o mesmo significado. Por este motivo, cabe estabelecer a seguinte divisão: termo unívoco diz-se do nome que significa uma mesma essência, que se diz de uma única natureza, ou seja, a conveniência do nome com a natureza⁹³, como quando se toma o nome coelho para designar a uma espécie de animal e que conserva sempre este mesmo sentido; termo equívoco indica a indução de significar várias coisas por um mesmo nome⁹⁴. É sinônimo de ambigüidade, onde não se toma a similitude entre as realidades, mas a unidade do nome⁹⁵.

Equívoco diz-se da não proporcionalidade entre o nome e a essência, ou seja, o nome é comum, mas as substâncias diversas⁹⁶, como quando se toma o nome quarto para significar um número ordinal ou um cômodo da casa e, por fim, termo análogo diz-se de algo que comumente se aplica a muitos⁹⁷, segundo uma comparação por proporção⁹⁸, em que o nome, segundo um significado aceito, é posto na definição do mesmo nome, com outro significado⁹⁹, como quando se toma o nome liberdade para aplicá-lo ao sentido moral ou para usá-lo no sentido penal.

A analogia tem fundamental valor e uso. É a comparação por proporção¹⁰⁰; em analogia é necessário que o nome segundo um significado aceito seja posto na definição do mesmo nome, com outro significado¹⁰¹, por isso, análogo se diz de algo que comumente se aplica a muitos¹⁰²; a analogia pode ser: de proporcionalidade, quando os sujeitos possuem a perfeição

⁹² CG.I,30.

⁹³ STh.I,q5,a6,ad3/q13,a10,c;In II Sent. 22,1,3,ad2.

⁹⁴ C.G.4,49.

⁹⁵ C.G.1,33.

⁹⁶ STh.I,q4,a2,c.

⁹⁷ In I Sent.22,1,3,ad2.

⁹⁸ STh.I,13,a5,c.

⁹⁹ STh.I,13,a10,c.

¹⁰⁰ STh.I,13,a5,c.

¹⁰¹ STh.I,13,a10,c.

¹⁰² In I Sent.22,1,3,ad2.

significada de modos diversos, mas semelhantes, como por exemplo, ser dito do homem, do anjo e de Deus; de atribuição, quando um dos sujeitos possui a perfeição em sua plenitude e os demais por participação ou de modo derivado, como por exemplo, intelecto dito de Deus e por atribuição do homem e do anjo.

4.2. A participação.

A doutrina da participação tem importância capital na metafísica tomista. *Participação* é o nome que se dá à causalidade em que o efeito de uma causa recebe parcialmente o que existe de um modo total na causa, como por exemplo, quando se diz que o homem participa da animalidade, porque não exaure tudo o que é a animalidade em sua substância; da mesma maneira Sócrates participa da humanidade, pois sendo o que é, Sócrates não esgota a humanidade em sua substância¹⁰³. As coisas que distinguem entre si, se distinguem porque possuem naturezas diversas e as possuem diversas porque as recebem diversamente¹⁰⁴. Cada uma delas participa, a seu modo, segundo o que constitui a sua substância, e o que recebem de perfeição da causa da qual participam e são efeitos¹⁰⁵.

5. Conclusão.

O método metafísico de São Tomás de Aquino trouxe grandes benefícios para a pesquisa filosófica. O grande ganho, sem dúvida, foi compreender o ente como ato, cuja perfeição máxima, no homem, é a vida inteligível ou espiritual, pela qual o homem pode conhecer a si mesmo, as demais coisas e a Deus.

¹⁰³ *In De Hebd. lec2, n24.*

¹⁰⁴ *C.G.I, 26.*

¹⁰⁵ *In De causis, pro. 25; De pot. q3, a5.*